



CABO VERDE ANO UM

Cabo Verde descoberto por Portugal

As ilhas de Cabo Verde, que foram descobertas pelos portugueses em 1456, constituem um arquipélago situado a cerca de 500 quilómetros das costas do Senegal e da Mauritânia, ao largo do «Cabo Verde», promontório da costa africana que lhe deu o nome.

O arquipélago que compreende dez ilhas e diversos ilhéus tem uma superfície total de 4 mil quilómetros quadrados, caracteriza-se pela sua origem vulcânica, e pela irregularidade das chuvas. Algumas ilhas são semidesérticas, e aí a seca que se estende por vários anos provoca a fome e a morte de milhares de cabo-verdianos.

O P. A. I. G. C. no seu manual «História da Guiné e Ilhas de Cabo Verde» descreve assim o arquipélago:

«Distinguem-se dois grupos de ilhas, designados por nomes que evocam a sua posição em relação aos ventos alísios aqui dominantes: Ilhas de Barlavento, ao Norte, que compreendem, alinhadas de Noroeste a Sudeste: Santo Antão (875 km²: a mais vasta e também a mais favorecida pelas chuvas); São Vicente, onde se encontra o principal porto actual (Porto Grande); Santa Luzia, e os ilhéus Branco e Razo, quase desabitados; São Nicolau (346 km²), muito cultivada; finalmente, ao extremo sudeste, isoladas e muito áridas, as ilhas do Sal (206 km²) e Boa Vista (613 km²).

Ilhas de Sotavento, ao Sul, que compreendem, alinhadas de Sudoeste a Nordeste: O ilhéu de Rumbo e a ilha Brava, onde os terramotos são frequentes; a ilha do Fogo, onde existe um enorme vulcão, ainda activo (a última erupção produziu-se em 1951), com o pico culminante do arquipélago, o Pico (3220 m); a ilha de Santiago, a mais vasta (991 km²), onde se encontra a capital, Cidade da Praia, tem quase a metade da população do arquipélago; finalmente a ilha de Maio (216 km²), tão árida como as ilhas do Sal e Boavista.

UNIDADE GUINÉ CABO VERDE

Não pode deixar de referir-se que são fictícias as contradições que os colonialistas apontavam como existentes entre os cabo-verdianos (africanos insulares) e os guineenses (africanos do continente). Para além da proximidade geográfica, é sobretudo a comunidade de aspectos culturais e sociais que determina a vocação da unidade entre os povos guineense e cabo-verdiano. Na proclamação da independência da República da Guiné Bissau, ocorrida a 24 de Setembro de 1973, em Madina do Boé considerava-se no preâmbulo da Constituição da nova República: «O Estado da Guiné-Bissau é um Estado soberano, republicano, democrático, anticolonialista e anti-imperialista e tem como seus primeiros objectivos a libertação total do povo da Guiné-Bissau e Cabo Verde e a construção da união destes territórios para a edificação de uma pátria africana forte e em marcha para o progresso. A modalidade dessa união será estabelecida, depois da libertação dos dois territórios de acordo com a vontade popular».

POVOAMENTO DE ESCRAVOS

O arquipélago de Cabo Verde era completamente desabitado quando os portugueses o descobriram. Hoje a população está calculada em cerca de trezentos mil habitantes, apesar da morte causada pelas secas. «Em 277 anos, — lê-se num relatório do P. A. I. G. C. sobre Cabo Verde apresentado na O. N. U., de 1747 a 1974 — vivemos mais de meio século de fome aguda, com um número total de vítimas superior à população actual do arquipélago. Só no século XX as ilhas de Cabo Verde conheceram mais de vinte anos de fome total, e perderam em cada uma das grandes fomes entre 15 por cento e 35 por cento da sua população».

Foi a partir de 1460 que os descobridores portugueses iniciaram o povoamento das ilhas. Para isso compravam escravos nas costas da Guiné,

comércio que se estendeu ao longo do século XVI, e colocavam-nos a trabalhar nas plantações de tabaco, café e cana-do-açúcar. «Os elementos de origem portuguesa, — refere o manual de História acima transcrito — misturaram-se rapidamente com a população africana e integraram-se nesta. Pertencendo a várias etnias e falando línguas diferentes, os cabo-verdianos criaram e adoptaram como língua comum o crioulo».

Sem condições de vida, sem emprego, com o espectro da fome a persegui-los muitos cabo-verdianos emigraram, «seja para o Brasil seja para o Senegal (cerca de dez mil em Dakar), seja para a Guiné, São Tomé ou Angola. Só nos Estados Unidos da América há mais cabo-verdianos e descendentes de cabo-verdianos que a população actual de Cabo Verde». Entretanto, as guerras coloniais e a emigração portuguesa dos anos sessenta, motivou a vinda de milhares de cabo-verdianos para o nosso País e para outros pontos da Europa (França e Holanda, particularmente).

O PAIGC é o povo CABO-VERDIANO

Desde 1956 que o P. A. I. G. C. tem desenvolvido actividades políticas destinadas a «acordar» a população de Cabo Verde para o seu direito à autodeterminação e à independência. Até ao 25 de Abril esta actividade era clandestina no arquipélago, mas, apesar da repressão colonial exercida pelo regime fascista então vigente, o P. A. I. G. C. não esmoreceu nos seus esforços destinados a conseguir que a população adquirisse consciência dos seus direitos.

Depois do 25 de Abril, com a quebra da repressão, o P. A. I. G. C. redobrou a sua actividade nomeadamente no campo da quebra da repressão, o da preparação política da população, encontrando-se, agora, organizado em todas as ilhas. A organização do P. A. I. G. C. encontra-se estruturada a nível nacional, regional e local. No decorrer dos últimos 10 meses, o P. A. I. G. C. redobrou os seus esforços para organizar as massas cabo-verdianas criando grupos de mulheres, de trabalhadores e camponeses e, ainda, de jovens. Para este efeito tem criado programas infantis.

A força desta organização, como única representatividade do povo de Cabo Verde, tornou-se evidente durante as manifestações populares organizadas para a recepção ao secretário geral do P. A. I. G. C., Aristides Pereira, quando este chegou à cidade da Praia no dia 26 de Fevereiro de 1975.

Uma multidão de 40 a 50 000 pessoas aguardou no aeroporto a chegada deste dirigente político, que, nesse mesmo dia, falou, da varanda da sede do P. A. I. G. C., na praça principal da Praia, a cerca de 20 000 pessoas. Para entender estes números, é necessário não esquecer que a população total da ilha de Santiago é de 140 000 pessoas e que os transportes, na ilha, são muito deficientes.

OITO ANOS DE SECA

As ilhas de Cabo Verde são pouco favorecidas no que se refere a recursos naturais e, desde sempre, não têm chuva suficiente.

As ilhas do Sal, de Maio e da Boavista são, praticamente,

feitas de sal e areia. Na maioria das outras ilhas, o solo é pobre e só há vegetação nos vales ou nas zonas altas. Antes do longo período de seca que tanto sofrimento tem causado ao arquipélago nos últimos anos, as ilhas do Fogo, da Brava, de São Nicolau, de Santo Antão e de Santiago, tinham uma vegetação densa mas, com excepção da Brava, todas estas ilhas foram vitimadas pela seca e pela erosão do solo.

CASAS OU CAVERNAS?

A principal vantagem económica do arquipélago resulta do facto de ele ser ponto de abastecimento dos navios e aviões que ligam a Europa à América do Sul.

Este ano é o oitavo de uma seca que arruinou completamente a produção agrícola do arquipélago, destruindo todas as suas colheitas. Em consequência desta seca, Cabo Verde teve de importar todos os produtos alimentares básicos de que necessita. Antes desta seca, a agricultura era a actividade económica básica das ilhas e, por causa dela, o arquipélago deixou, até, de ser auto-suficiente em matéria alimentar.

O MILHO NÃO CHEGA

Actualmente, o milho produzido nas ilhas — e o milho é a base da alimentação do cabo-verdiano — não chega a satisfazer 4 por cento das necessidades alimentares da população.

POTENCIALIDADES PISCATORIAS

A indústria piscatória pode vir a ser muito importante no evoluir económico de Cabo Verde, mas as duas únicas empresas de pesca herdadas do período colonial eram mal administradas pelos responsáveis — gente ligada ao fascismo.

Os recursos piscatórios de Cabo Verde são tidos por consideráveis, mas a sua exploração vai requerer a importação maciça de tecnologia e de capital. Segundo as informações obtidas pela missão, o principal obstáculo que se tem levantado contra o seu desenvolvimento tem sido a falta de apetrechamento apropriado dos portos.

O SAL DÁ LUCRO

A extracção de sal e de pozolana foram as únicas indústrias extractivas de que a missão tomou conhecimento, ambas destinadas à exportação. A única empresa de extracção de pozolana em actividade é a Companhia de Cimento Pozolana de Cabo Verde, que tem declinado com o passar dos anos — já teve 300 empregados e hoje apenas tem 70.

A extracção de sal dedicam-se, na ilha do Sal, duas empresas estrangeiras. Como as suas despesas são pouco elevadas, ambas apresentam um lucro considerável, não precisando de satisfazer todas as encomendas que recebem do estrangeiro.

Esta inércia é parcialmente causada pelo facto de não haver armazéns para o sal no porto de St.ª Maria, da ilha do

Sal.

Cabo Verde descoberto pela ONU

EMIGRAÇÃO

No decorrer dos últimos anos, tem havido um intenso movimento populacional. Devido à seca, milhares de cabo-verdianos emigraram para Portugal, para outras regiões submetidas à administração portuguesa e para o estrangeiro.

Militantes do P. A. I. G. C. têm acusado o Governo português de se aproveitar da situação criada pela seca para enviar trabalhadores para Portugal, ou para outros territórios, a fim de enfraquecer a população e minar, por esse processo, a luta pela independência nacional.

Segundo informações de origem portuguesa, em 1972 havia 15 000 cabo-verdianos em Portugal, mas, segundo outras fontes, esse número poderia elevar-se para 50 000.

Diz-se que os caboverdianos emigrados para Portugal substituíram os portugueses que emigraram para outros países.

CASAS OU CAVERNAS?

A missão, durante a sua visita, inspeccionou um bairro pobre da ilha de St.º Antão. Na sua maioria, as casas deste bairro não passavam de cavernas escavadas em montes de pozolana. Num só quarto que a missão viu, viviam nove pessoas. Devido a estas péssimas condições de higiene, tem havido epidemias graves de doenças contagiosas. No Verão de 1974, foram detectados quatro casos de cólera.

O grande problema de Cabo Verde é o da falta de água. Em muitas ilhas, a água não abunda e naquelas em que há fontes, como é o caso de St.º Antão, estas não têm sido bem aproveitadas.

UM ÚNICO CIRURGIÃO

Há 12 médicos em Cabo Verde, ou seja 1 por cada 25 000 habitantes. Na ilha de St.º Antão, a segunda do arquipélago em tamanho, há um médico para 50 000 habitantes. Não há médico nas ilhas de São Nicolau, Maio e Boavista. Em todo o arquipélago há dois hospitais; um, com 200 camas, na Praia e outro, com 120 camas, no Mindelo. Há quatro médicos em cada um destes hospitais, mal equipados e apenas aptos a tratarem de casos extremamente simples. Em todo o arquipélago há um único cirurgião e não há especialistas.

75 POR CENTO DE ANALFABETOS

De acordo com as estimativas do P. A. I. G. C., o índice de analfabetismo nas ilhas de Cabo Verde, é de 75 por cento. Dos 25 por cento que sabem

ler e escrever, 90 por cento apenas têm a educação primária. Apenas um a minoria privilegiada pode frequentar a universidade.

Há 465 escolas primárias em Cabo Verde com 1200 professores e cerca de 70 000 alunos. Algumas delas não passam de quartis alugados em casas particulares, a famílias cuja vida não é interrompida pelas aulas. Dos professores, apenas 75 por cento são qualificados e cerca de metade deles não têm senão a instrução primária e quatro semanas de treino intensivo.

SAUDAR O P. A. I. G. C.

Depois de uma estadia de 10 dias e de um trabalho intenso levado a cabo em Lisboa e nas ilhas de Cabo Verde, a missão ficou na certeza de que a firme intenção revelada pela população do arquipélago de proclamar a independência sob a bandeira do P. A. I. G. C. que é o partido político avançado do povo junta à sinceridade revelada pelo Governo Português na aplicação do acordo de 19 de Dezembro de 1974 e à fiscalização do Comité dos 24, é suficiente garantia de que o povo de Cabo Verde vai obter a sua independência e a sua liberdade.

A missão entende que Cabo Verde vai proclamar a sua independência em circunstâncias económicas, culturais e sociais particularmente difíceis. (...)

A missão deseja prestar um tributo especial ao povo de Cabo Verde e ao seu partido dominante, o P. A. I. G. C., a cuja devoção, capacidade de resistência e espírito de sacrifício se deve a presente situação.

